

Editorial



Osvaldo Cabral
osvaldo.cabral@diariodosacores.pt

O Santa Clara e o Estádio

O Santa Clara disputa hoje o último jogo do Campeonato da II Liga e tem ao seu alcance o título da época.

No meio de tanta desgraça que, de vez em quando, assola estas ilhas, é um orgulho ter uma equipa açoriana a conquistar sucesso nacional e a disputar, na próxima época, o campeonato entre as melhores equipas de Portugal.

Mas, como é quase fatal nos Açores, porque não sabemos manter os nossos próprios sucessos, o Santa Clara corre o risco de não ter estádio em S. Miguel para disputar a I Liga.

O actual Estádio de S. Miguel é, ele próprio, um outro símbolo do desleixo em que os sucessivos governos regionais deixam chegar as estruturas públicas desta região. Queixam-se dos serviços do Estado, abandonados pela República, mas fazem o mesmo com as grandes estruturas físicas à responsabilidade da Região, como é o caso do Hospital de Ponta Delgada e do Estádio.

Não se percebe como os governos anteriores deixaram chegar o Estádio de S. Miguel a tanta degradação, nem se percebe como é que o actual governo, há praticamente quatro anos no poder, prossegue o desleixo a este ponto.

Nem é só o Santa Clara que está em causa, é o próprio desporto micalense e o povo desta ilha, que merecem um estádio com dignidade.

É preciso pressionar o governo dos Açores para intervir urgentemente naquela estrutura. E o primeiro partido que deveria exigir essa urgência é exactamente o PSD.

Porquê? Porque em Junho de 2020, ainda não era governo, insurgiu-se contra a degradação do estádio, defendendo que o investimento nas instalações tinha de ser uma “prioridade” na política desportiva regional, de forma a que o recinto pudesse receber jogos oficiais.

O PSD lamentou, naquela altura, que a “falta de um projeto de requalificação do estádio micalense acabe por prejudicar o Clube Desportivo Santa Clara, tanto no plano desportivo como financeiro, com repercussões também na área da indústria do turismo”.

Diziam os sociais democratas que tal situação “manchava a imagem da região” e falavam na “urgência em dotar o estádio das mais elementares condições”.

Cinco meses depois o PSD tomou posse como governo e, passados estes quatro anos, continua tudo na mesma.

Aguarda-se novo comunicado dos sociais-democratas.

A solidariedade nacional

O Bastonário da Ordem dos Médicos, Carlos Cortes, disse esta semana que o país, inexplicavelmente, ainda não se deu conta dos trágicos prejuízos do incêndio no HDES e alertou para a importância da devida solidariedade nacional, até agora sem sinais de concretização.

Era bom que o Governo de Luís Montenegro ouvisse o Bastonário e agisse tão rápido e certo como agiu, há uma semana, com o Metro do Porto.

É que o Estado converteu a pesada dívida de mais de 4 mil milhões de euros da Metro do Porto em capital, numa operação de limpeza do passivo, que embora só tenha sido concluída agora, terá já efeitos a dezembro de 2023, e permite passar de uma dívida de 4,2 mil milhões em 2022 para 200 mil euros no final de 2023.

Nada contra.

Os autarcas do Porto devem-se sentir bastante aliviados com esta solidariedade nacional.

A invocação desta notícia é apenas para lembrar o Governo da República de que não queremos tanto para recuperar o Hospital de Ponta Delgada, até porque 4 mil milhões de euros dava para pagar toda a dívida bruta dos Açores!

Convém que Bolieiro leve esta notícia na sua pasta quando se encontrar com Montenegro.

Todos os caminhos vão dar a uma coroação nas 9 ilhas

Nas nove ilhas, este fim-de-semana e o próximo, entre Pentecostes e Trindade, todos os caminhos vão dar a uma coroação

Desde o segundo Domingo da Páscoa, designado liturgicamente como Domingo da Divina Misericórdia, que arrancam as festas do Divino Espírito Santo nos Açores, com as insígnias- coroa e bandeira a percorrer as casas das famílias a quem a sorte de O ter em casa, durante uma semana, em que se reza o Terço, (nalguns sítios cantado) e se faz festa. Mas é este fim de semana e no próximo, que a devoção à Terceira pessoa da santíssima Trindade fica ao rubro, com inúmeros impérios a serem ‘levantados’, no grupo central e os dias de bodo, na ilha Terceira, a serem assinalados, indica o sítio Igreja Açores.

No Ramo Grande, na ilha Terceira, a festa é particularmente intensa e importante ao ponto de os dias de bodo serem os principais dias do ano na vivência da religiosidade popular, envolvendo o Povo de Deus, que continua a sentir esta presença da ‘Pessoa do Espírito Santo’ na sua vida concreta e depois a manifestação da vontade de Lhe render homenagem, organizando uma festa.

Mesmo quando existe uma dificuldade ou outra, nomeadamente em encontrar mordomos, porque a função é mais exigente, as próprias Irmandades com a sua dinâmica própria encontram soluções o que mostra que esta vivência religiosa está muito enraizada nos açorianos.

A tradição manda que se enfeitem os carros, com os mais bonitos panos de linho branco e os açafates para carregar o pão que se distribui a quem está no terreiro junto ao império.

Além do pão e do vinho, há sempre música.

É no segundo Bodo que se tiram os pelouros (que noutras ilhas se apelidam de sortes) para o próximo ano, isto é, se decide quem vai ficar com as insígnias do divino nas sete semanas de se seguem à Páscoa.

Em Santa Maria, este ano, a festa volta a ser celebrada no Pentecostes com uma festa de ilha, centrada na freguesia de Santo Espírito, paróquia de Nossa Senhora da Purificação.

A festa é marcada por grande simplicidade e toda a ilha é envolvida e, se porventura, não houver qualquer promessa serão coroados o irmão mais velho e o mais novo que participam na festa e a coroação decorrerá no domingo da Trindade, uma semana depois, também em Santo Espírito.

Não há ilha dos Açores que não assinale o Espírito Santo, que desde 1980 passou a ser também o “patrono” dos Açores.



O Dia da região é assinalado na segunda-feira de Pentecostes.

O Dia dos Açores foi instituído pelo parlamento açoriano em 1980, visando celebrar a autonomia política e administrativa da região, sendo celebrado na segunda-feira do Espírito Santo.

Depois da Sessão Solene na sede da Assembleia Legislativa dos Açores, as comemorações do Dia da Região prosseguem com o tradicional almoço das sopas em honra do Divino Espírito Santo, servidas no Polivalente de Pedro Miguel e na Casa do Espírito Santo, acompanhadas pela atuação da Sociedade Filarmónica Unânime Praiense e de Foliões.

O edifício sede da Assembleia vai estar aberto ao público para visitas guiadas das 15h00 às 18h00 e os Jardins da Cedars House e o Museu do Parlamento também poderão ser visitados em regime de visita livre no mesmo horário.

O programa comemorativo conta também com a inauguração da exposição “Louvor ao Divino”, da autoria de Margarida Madruga, a ter lugar, no sábado, dia 18 de maio, pelas 19 horas, no Museu do Parlamento.

O culto ao Divino Espírito Santo é uma das marcas da religiosidade popular açoriana. Na ilha Terceira, este culto está documentado desde 1492, quando faziam o Império e se distribuía o bodo, no dia de Pentecostes, à porta de uma capela do hospital do Espírito Santo. Mesmo nos tempos de maior dificuldade, e de oposição da própria hierarquia, o culto nunca deixou de ser celebrado nos Açores. Hoje são os próprios papas que elogiam “o sopro do Espírito santo”, como uma “nova primavera para a Igreja”, como afirmou São João Paulo II.

Também o Papa Francisco sublinha que a celebração do Pentecostes representa “o antídoto para o frenesim contemporâneo” e que este é o momento de dizer “Vem, vem Espírito Santo vem. Aquece o meu coração”, conclui o Igreja Açores.